

# Remessas sugam contas externas

*Economia - Brasil*

GILSON LUIZ EUZÉBIO

BRASÍLIA – Toda vez que um brasileiro toma uma coca-cola o país manda algum dinheiro para fora. O mesmo acontece quando se usa um determinado medicamento que tem patente estrangeira, compra-se um carro, utiliza-se um determinado programa de computador. São os chamados pagamentos de *royalties* que entram na conta dos serviços que o país paga ao exterior. E lá se vão os nossos dólares, num total de US\$ 4,883 bilhões de janeiro a julho deste ano.

Outra torneira que leva boa parte da riqueza nacional são as remessas de lucros e dividendos. É aquela parcela que as empresas estrangeiras instaladas no país têm direito de mandar para as matrizes. No fim das contas, quando entram investimentos de um lado, mas saem do outro na mesma proporção. Por isso, o chamado déficit nas contas externas do país é um buraco sem fundo. De janeiro a julho deste ano, o Brasil recebeu US\$ 12,3 bilhões em investimentos diretos, mas remeteu US\$ 11,5 bilhões, de acordo com dados do Banco Central.

**Investimentos em queda** – O Brasil depende do dinheiro dos

investimentos para cobrir o déficit de transações correntes (resultado das operações de comércio, serviços e remessa de recursos para o exterior), um rombo de US\$ 27,5 bilhões neste ano, alimentado exatamente pelas remessas de rendas, lucros, dividendos, pagamentos de *royalties*, viagens e compras de brasileiros no exterior. O pior é que os investimentos diretos vêm minguando: devem cair de US\$ 30 bilhões, no ano passado, para menos de US\$ 20 bilhões, neste ano. Isso se a reação dos Estados Unidos aos atentados terroristas não agravar mais a situação.

O dinheiro que nos anos anteriores ajudou a financiar o déficit externo agora começa a alimentar a saída de recursos do país: os investimentos geraram lucros que são remetidos ao exterior. “A abertura da economia aos investimentos estrangeiros criou um desequilíbrio estrutural no balanço de pagamentos do Brasil”, diz Antônio Corrêa de Lacerda, do Instituto Nacional de Altos Estudos (Inae), entidade privada dedicada ao estudo da economia.

As remessas de rendas ao exterior – feitas pelas empresas que investiram no Brasil, obtiveram lucro e enviaram o dinheiro para fora – crescem em ritmo acelera-

do: saltaram de US\$ 10,7 bilhões, em 1995, para US\$ 18,4 bilhões, no ano passado. Os cálculos são da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais (Sobeet), outra instituição especializada em estudos macroeconômicos. A conta inclui juros e lucros.

**Insegurança** – Neste ano, essas remessas devem ficar em US\$ 20,2 bilhões, ou US\$ 200 milhões acima do que o governo espera receber em investimentos diretos. Em momentos de crise, as saídas de recursos aumentam. “Quando a credibilidade da moeda nacional fica ameaçada, os agentes que têm ativos dolarizados procuram se proteger”, explica o economista Felipe Ohana, professor da Fundação Getúlio Vargas. Para ele, a primeira medida de proteção é levar o dinheiro para mercados mais seguros.

Os investidores antecipam pagamentos a empresas no exterior, pagam mais *royalties* e remetem todo o lucro, diz Ohana. “E estão certos”, sentencia. Erradas, segundo ele, estão as autoridades encarregadas de zelar pela estabilidade da economia, que não souberam manter a confiança no país. Cabe ao governo criar condições para que seja mais vanta-

joso reinvestir o lucro no Brasil do que mandar o dinheiro para fora. “O capital está se defendendo da falta de credibilidade da moeda nacional”, explica o professor. O capital ronda o planeta em busca de boas oportunidades de investimento e se o Brasil se tornar uma boa opção, garante o professor, ele fica aqui. Enquanto o país não for seguro, “o capital investido vai gerar lucro para remessa para outros mercados”. Na avaliação de Antônio Lacerda, há uma dificuldade crescente no balanço de pagamentos e o governo precisa adotar medidas para reverter a situação. Ele sugere o fortalecimento de empresas nacionais, para que elas se tornem multinacionais e tragam dinheiro para o país, além do estímulo às exportações. “Há um desequilíbrio estrutural da balança de serviços decorrente principalmente da conta de juros e remessas de lucros e dividendos”, afirma. Para piorar, o capital que veio para o Brasil ficou concentrado no setor de serviços que, pelo menos em tese, não gera produto para exportação, logo, não ajuda a melhorar as contas externas. No ano passado, 75% dos investimentos estrangeiros foram para o setor de serviços.